O Annel Mysterioso, Scenas da Guerra Peninsular

Alberto Pimentel

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

O Annel Mysterioso, Scenas da Guerra Peninsular

Alberto Pimentel

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano

Notas de transcrição:

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral do livro impresso em 1904.

Foi mantida a grafia usada na edição original de 1904, tendo sido corrigidos apenas pequenos erros tipográficos que não alteram a leitura do texto, e que por isso não foram assinalados.

O ANNEL MYSTERIOSO

NOVA COLLECÇÃO PORTUGUEZA

II

O ANEL MYSTERIOSO

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

ROMANCE ORIGINAL DE

ALBERTO PIMENTEL

3.ª EDIÇÃO, ILLUSTRADA, REVISTA PELO

AUCTOR

LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA Rua Augusta, 95

TYPOGRAPHIA 45, Rua Ivens, 47

1904

PROLOGO DA 3.ª EDIÇÃO

Este é um dos romances da minha mocidade. Foi publicado pelos editores da _Bibliotheca Universal_, de Lisboa, em 1873. Precederam-n'o os _Idyllios á beira d'agua_, (1870), a minha primeira tentativa no romance, e _O testamento de sangue_, escripto aos vinte e trez annos.

Estas datas desculpam hoje, aos meus proprios olhos, tudo quanto ha de hesitante e incorrecto em todas as trez novellas, que foram as primicias litterarias de um rapaz educado n'uma terra essencialmente commercial, avessa a idealidades romanescas e ao convivio e apreço de escriptores, bons ou simplesmente toleraveis.

Pelo que especialmente respeita ao _Annel mysterioso_, se quando agora o reli me não descontentou a acção dramatica, achei-lhe comtudo algum excesso de floração declamatoria, que é um defeito peculiar a todos os estreantes.

A grande arte de escrever está na ponderada sobriedade da expressão,

no equilibrio estavel entre a phrase e o pensamento.

Fóra d'isto ha rhetoricos, mas não ha escriptores.

Se eu, no decorrer dos annos, consegui aproximar-me d'este requisito essencial, não perdi de todo o meu tempo. Mas, ainda n'esse caso, é defensavel a reimpressão de uma novella, que póde fornecer elementos de confronto entre duas épocas da vida de um escriptor.

Como quer que seja, o _Anel mysterioso_ agradou quando foi publicado em 1873. A breve trecho sahiu a segunda edicção. E os mesmos editores me convidaram a escrever logo em seguida outro romance, que foi _A Porta do Paraizo_.[1]

Ambos estes livros me abriram caminho entre o publico de Lisboa.

O exito da _Porta do Paraizo_ explica-se facilmente pelo interesse que inspirava ainda então o reinado de D. Pedro V.

Quanto ao _Annel mysterioso_, que não é senão a biographia de uma celebridade das ruas do Porto, parece que foi o entrecho commovente que no espirito dos leitores lisbonenses suppriu a falta de conhecimento directo do protagonista.

Quando eu escrevia este romance, muitas pessoas d'aquella cidade se lembravam ainda de ter visto frequentes vezes o _Desgraça_.

Uma d'essas pessoas era Camillo Castello Branco, que, seis annos depois da publicação do _Anel mysterioso_, dizia a pag. 296 do livro _Sentimentalismo e historia_: «A um canto (do botequim da _Aguia d'ouro_) estava um velho de semblante livido, muito desgraçado, com um chapeu enorme de sêda d'um azulado decrepito, com um grande cigarro no canto da bocca. Ao lado, sobre um mocho, via-se uma

guitarra com manchas gordurosas de suor que punham brilhos, e aos pés um cão d'agua com o felpo encarvoado, cheio de torçidas, encaroçado, dormia, e acordava de salto, apanhando com muita furia, no ar, as moscas que lhe picavam as orelhas. Era o José das Desgraças, o legendario mendigo, que morreu de saudades do seu cão, aggravadas pela fome».

Esta referencia authentíca hoje o retrato de uma individualidade popular, cujos contemporaneos dormem, como ella, o somno eterno da morte.

Lisboa, 10 de abril de 1903.

Alberto Pimentel.

[1] A quarta edicção, luxuosa, d'este romance, foi por nós publicada em 1900.

(Nota dos editores.)

O ANNEL MYSTERIOSO

I

O Desgráça

Entre os typos populares, que pouco a pouco vão rolando a sepulturas ignoradas, deixando após si o rasto de uma vida sobremodo accidentada de peripecias quasi sempre sombrias--rasto que só um ou outro escriptor se compraz em prucurar desde a cadeia ao degredo, do albergue ao cemiterio--avulta na tradição portuense um homem que por longo tempo ahi foi o alvo das assuadas do rapazio e dos chascos

dos frequentadores de botequim. Uns chamavam-lhe o _José das Desgraças_, outros simplesmente o _Desgraça_.

Parece dever inferir-se de tão lutuosa alcunha que a população da cidade lhe conhecia a biographia exuberante de lastimosos lances. Tal não ha. Quando elle passava coxeando arrimado ao seu bordão, sobraçada a guitarra inseparavel, de velho chapéo alto amassado, sobrecasaca abotoada, pendente a medalha de prata da guerra peninsular, annel d'ouro na mão esquerda, na bocca o enorme cigarro que elle proprio manipulava com pontas de charuto, seguido do cão fiel, que se chamava _Junot_, por motivos que mais tarde desvelaremos, o gentio das ruas ou sorria alvarmente da pittoresca pobresa do excentrico mendigo, ou rompia em apostrophes de _Ó Desgraça! Ó Desgraça!_ que elle parecia não ouvir ou despresar em sua imperturbavel serenidade.

E a populaça, sem sequer suspeitar da tenebrosa origem do cognomento, quedava-se a ouvil-o, calmadas as arruaças com que era saudado, quando elle, sentado á porta de um café, especialmente o do Jardim de S. Lazaro, começava a tanger melancolicamente a sua guitarra, na qual executava operas completas, queimando o seu enorme rolo de tabaco e contemplando, de cabeça inclinada, o cão que parecia escutal-o attentamente...

Depois, quando a mão caía extenuada sobre as cordas silenciosas, affigurava-se, tão alheado ficava, que estava rememorando maguas intimas, segredos da sua vida obscura, sem que parecesse dar tento das esmolas que lhe atiravam ao regaço os que entravam ou saíam a porta do botequim.

Ás vezes, como se não houvesse conseguido linimentar com a musica

as recordações dolorosas acordadas no imo peito, voltava a tanger na guitarra uns dulcissimos arpejos que finalmente lhe serenavam a alma tempestuosamente alanceada, chorando por elle, que não tinha lagrimas.

Restituido á realidade da sua resignada nobresa, erguia-se firmado no bordão, sobraçava a guitarra, e continuava a peregrinação, vagueando pelas ruas da cidade, sem todavia dirigir-se aos transeuntes e recebendo impassivel os óbolos que jámais solicitava. E o cão, o leal companheiro de infortunio, seguia egualmente resignado seu dono, e quasi sempre indifferente ás provocações do rapazio que se divertia em apedrejal-o e açulal-o.

Frequentemente intervinha o _Desgraça_ ameaçando com o bordão os perseguidores do seu dedicado companheiro; mas como o inquieto rapazio conhecesse que a velhice lhe desnervava o braço, entrava de levantar celeuma atroadora, em que, ainda assim, quasi sempre se distinguiam vozes de «Morra o _Desgraça_ e o _Junot_! Vende o annel e não andes a pedir!»

Estranho homem devia de ser esse, que parecia guardar grande mysterio, e tinha por unico amigo, entre uma população inteira, que o apupava, o cão fiel, e por consolação unica a sua guitarra, e por unica protecção a piedade dos seus conterraneos, que elle não implorava.

O povo não suspeitava sequer que a biographia d'aquelle homem justificasse o appellido. Quando o _Desgraça_ fazia chorar a guitarra entre os dedos, e o cão denunciava comprehender a guitarra, como que ligeiramente se commovia a turba acatasolada, mas d'ahi a pouco, quando estrondeavam os apupos, era o cão o unico espectador que mostrava lêr na physionomia do velho o mysterio de uma vida

tormentosa.

Ria a gentalha torpe d'aquella intima convivencia de homem e cão. E todavia não saía d'entre a arraia miuda o mais desgraçado dos populares a dizer ao pensativo guitarrista: «O teu cão sente e não fala; eu falarei por elle. Soffres decerto muito e precisas consolação. Eu sou tambem muito infeliz, muito mais do que tu, porque não tenho guitarra nem cão. Deixa-me pois compartir do teu cão e da tua guitarra, que eu te darei o que tu não tens, dois ouvidos que te escutem, uma voz que te responda.»

Não. A desgraça é tão infeliz, que se ri da desgraça; é ella que se desauctorisa a si mesma. Só lhe falavam para chasqueal-o, para lhe cuspir na face a zombaria que elle, absorto no seu continuo cogitar, deixava resvalar aos pés.

E todavia aquelle homem era um grande desgraçado, que só tinha no mundo a sua guitarra, o seu cão, e as suas recordações. O annel, que trazia na mão esquerda, podia matar-lhe talvez um dia de fome, mas não haveria miseria que lh'o arrancasse do dedo, porque as suas recordações estavam n'aquelle annel.

* * * * *

II

Na quinta das Chãs

Na noite de 17 de fevereiro de 1809, a morgada viuva da quinta das Chãs conferenciava gravemente com o seu capellão n'uma das salas terreas do solar, a duas leguas de Braga, sobranceiro á aldeia de Carvalho d'Éste. A morgada, senhora de uns sessenta annos, deixava

entrever nas sombras da physionomia a tempestade que lhe agitava a alma; o capellão, passeando de um para outro lado, enviesava á morgada olhares investigadores, que para logo revelariam perfidia e cupidez.

--É preciso partir, padre capellão, dizia afflictivamente a morgada. Se os francezes logram atravessar o rio Minho, estarão brevemente em Braga. A mim pouco me importaria a vida se não fosse Augusta, que a esta hora está dormindo na serenidade da sua innocencia. Tomára que chegasse o Teixeira para contar o que se passou. Diga o que disser, padre capellão, é preciso pensar maduramente. Meu genro fez-me depositária de um thesouro, que eu hoje quero salvar de todos os perigos, custe o que custar, porque se me affigura que já estimo mais Augusta do que aos seus proprios paes, e a seu irmão. Recebi minha neta aos 5 annos, porque á luz da consciencia conheci que melhor poderia eu sustentar uma criança, apesar das hypothecas da minha casa, do que um pobre capitão do exercito poderia sustentar dois filhos. O padre capellão administrava as propriedades. Que me restava a mim para não morrer de aborrecimento durante o dia? Augusta, a criança que me tinha sido confiada. Era ella a minha unica distracção, o meu unico amor; ha dez annos que este tecto lhe abriga a innocencia, e ha dez annos que eu abençôo a resolução de a chamar para amparo da minha velhice. Olhe que os annos tornam a gente egoista, padre capellão; a abnegação é só apanagio da mocidade. Não pense que me bastava a unica distracção do voltarete; é sempre a mesma cousa! Quando eu _peço licença_ o padre capellão _prefere_, e o Teixeira dá-lhe _codilho_. Tambem é boa embirração a sua de _preferir_ sem jogo. Nem que tivesse vontade de fazer mal... E o dia, estes longos dias da provincia, que não teem fim! Era morrer de

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com